

Deponente: Dejanira Krenak.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 21 de março de 2017.

JULIANA: Quem que nós somos, porque que a gente veio aqui conversar com a senhora. Meu nome é Juliana, nós todos somos pesquisadores do que a gente chama de Comissão Estadual da Verdade. Essa Comissão é uma comissão do Estado de Minas Gerais, ela é só daqui de Minas, e ela tenta pesquisar, tenta investigar, violações de direitos, né? Agressões aos direitos de vários grupos. Então, por exemplos, dos trabalhadores urbanos, dos trabalhadores do campo, e um desses grupos tenta pesquisar e investigar violações de direitos aos povos indígenas durante a ditadura, né? E essa Comissão, a função dela então é, assim, tentar saber quais são essas violações de direitos, esses ataques aos direitos povos indígenas, e poder recomendar, sugerir medidas para tentar minimizar essa violência. A gente que tudo isso que os povos indígenas sofreram trouxe problemas, trouxe muitas coisas para a vida de todos vocês. Então a gente sabe que isso não tem preço, que isso não dá para ser resolvido, mas quem sabe, né? A gente conversando a gente consegue entender melhor e propor alguma coisa. Então, infelizmente, a gente não tem uma função de justiça, de lei, no sentido de falar assim: “Isso vai ser feito”, mas a gente tem condição de recomendar, de sugerir coisas para que o Estado faça. Então, eu sou Juliana, como eu disse, eu sou professora de história, sou psicóloga, os meninos, né? Também são pesquisadores, o moço que estava aqui chama Marco Túlio, ele também é de história, ele já está trabalhando há mais tempo nessa Comissão. Deixar você se apresentar, Pedro.

PEDRO: Eu sou Pedro, também, sim. Trabalho também com o pessoal.

JULIANA: Então, assim, a gente sabe, né? Dona Deja, que é... Muitas vezes não é fácil falar desses assuntos, então a gente já pede desculpas antes por ter que tocar em assuntos que às vezes são difíceis, mas que a gente poderia, assim, a fazer com isso é tentar pressionar mais o Estado pra ter mais cuidado, né? Mais atenção com os povos indígenas. A gente sabe que a senhora viveu muito de perto tudo que aconteceu com o povo Krenak e a gente quer muito escutar o que a senhora aprendeu, com o conhecimento da senhora.

DEJANIRA : Ah! O índio é perseguido desde muito tempo, né? Muitos anos, por causa de terra, andaram matano nosso parente, aí essas coisas de violência sempre acontece, né? Mas por causa de quê? Por causa de terra. E nós? Meus pais morreu, meus avô morreu, morreu tudo. De pobrema, de sarampo... Quando eles sabia o remédio, fazia o remédio para beber, né? E quando eles num conhecia, aqueles remédio que eles fazia não ajudava, né? Aí tô ai, inté morrer, inté onde parecer o governo, né? Primeiro governo, é que eu num sei o nome dele. Mas eu sei da história por quê? Meu pai contava muita história, lá trás, tudo antigo. Que antigamente o índio não tinha casa... Ela é minha netinha. Não tá na hora, não... Cadê ele? Uai... Ai ele, meu pai... Meu pai, minha tia, esses mais veio, né? Eles contava história, desde o começo. (Trecho incompreensível) minha filha, ela veio almoça, ela está com fome. Ai eles contava a história. A gente no sofrimento do índio, aí quando apareceu o governo, pra tomar conta (trecho incompreensível), aí meus parente (trecho incompreensível). E meus parente só vivia nar mata atrás de caça e pesca, atrás do seu alimento, e coisa de fazer artesanato. (Trecho incompreensível) tinha a casa deles era barraca, né? Maloca que fala? É maloca, eles faziam de capim e tablete, aí viajava, a gente era da origem (trecho incompreensível) ai vai escutando a história, aí meu povo fica andando, andando, (trecho incompreensível) gente nós queria um (trecho incompreensível), nós queria um (trecho incompreensível) né? Mas meu pai já falava “Espera (trecho incompreensível) vai descobrir.” (Trecho incompreensível). Ai quando eu tiver filho eles vão caminhar atrás do nosso alimento, alimento deles, era caratinga, caratinga, impica, mandioca, banana, sapucaia, mangaba, igrvatá, mandioca do mato também. Então, isso eu vivi andando, aí descansava (trecho incompreensível) de andar, a gente fazia o foguinho deles, (trecho incompreensível) agora hoje tem tudo, né? Era tudo pedra, pedra cristal, batia uma outra, intava, munha, omunha, mas nós fala é formica é a munha, ai batia uma pedra na outra, aí eles ia assar, fazer a comida deles era tudo assado, caratinga assado, peixe assado, tudo, abóbora assado, tudo. Comia e ali eles descansava, aí cochilava, aí depois eles iam de volta, né? Andar. Andar de novo, inté... Foi indo, foi indo... Pareceu o governo, o primeiro governo pareceu aí no Brasil, né? Aí eles chego pra gente “Nós têm que fazer um trabalho com índio, porque o índio, a gente, tadinho, só vive nas matas, feito uma caça, né? Uns bichinho do mato, porque eles não faz casa, não tem casa. Então nós têm que trabalha com eles, tomar conta eles, pa não deixar ninguém matar eles mais, deixar ninguém fazer violência com eles, massacrar eles, porque eles são ser humano também, eles é ser humano,

então têm que dá um jeito pra proteger eles, não pode cabar com índio. O índio tem que seguir na frente, tipo uma cultura, né? Uma cultura, até lá pra frente, não pode cabar com eles.”. Mas que, a gente que... O primeiro governo falo: “Nós têm que trabalhar com índio, botar os funcionário pa cuidar deles, ensinar eles, vestir uma roupa, como é que faz com comida, porque eles não sabe, isso tudo tem que ensinar eles.” Mas que... O governo disse: “Tem que fazer isso, tomar conta deles, pra ninguém... Não massacrar eles mais, né? Deixar eles viver mais, cuidar da família deles, coitado, ele é um ser humano, não pode cabar com índio. Porque eles é gente também.”. Eles vive num é nas mata? Porque eles nasceram na mata, eles são da floresta, então eles procura a caça e pesca e alimento deles. Então nós têm que cuidar deles, tomar conta deles, bota pessoa para ensinar eles, para não deixar os branco, os fazendeiro matar, porque antigamente tinha muito, né? Pistoleiro, eles falavam de capanga, né? Que andava matando índio pra poder tomar as terra, porque eles num tinha terra, por que que índio quer terra? Por quê? O índio não trabalha, o índio é preguiço, né? Tudo isso o índio tem nas costa, leva. Porque a gente o... Tem gente que fala de nós mesmo. Aqui índio não sei porque ele quer terra, não trabalha, não sabe trabalhar, pra quê? Então eles que trabalhador, eles quer terra, né? Aí o meu pai tava contando, aí eu só ali ouvindo, ai apareceu o homi branco, pareceu o homi branco que é o governo, mas (trecho incompreensível) o (trecho incompreensível) que ele falou é o homi bom, a pessoa que trabalhar com o índio, cuidar de nós, porque... Os capangas, os fazendeiro, matou muito índios, ai veio a ferroviária também, fazer estrada, né? Pa vê estrada de ferro aí, eles matando. Quando ele vinha matava também, né? Causa de quê? Porque queria fazer estrada, interessado na terra e estrada também, né? Poder passar, aí ta bom. Ai falei assim “oh pai, mas o quê que vocês fazia?” “Uai! Nós não tinha nada pa mata eles.” “Mas a frechas?” Achei que (trecho incompreensível) passarinho pa nós comer, mas não pa matar gente, né não!” “Tá bom, pai”. (Trecho incompreensível) E o índio, nós, meus povo, eles andava esse trem tudo aí, óh. Lá no (trecho incompreensível) escondia deles, também né, porque o rio tava longe, ai esconderia é lá (trecho incompreensível), lá é um parque também, é nossa terra, nós tamo pelejando vê se pega ela, hoje já não pode nem entrar lá que fazendeiro não deixa, não deixa porque terra é deles e eles tão brabo. Estão brabo porque... Por que que nós quer terra? Terra é deles, eles comprou, mas a terra não é deles, a terra é do governo. Ai então, vai uma história de novo, nosso parente, quando os branco ia matar eles ia lá pro (trecho incompreensível) esconder. Lá tinha tudo, né?

Até hoje tem, que é a coisa da mata, até hoje tem. Aí eles ia pra lá, ai quando eles tornava a descer pra cá, aí vinha em rumo das água, né? Do rio doce, eles vim, ali eles ia pescar, fazer a cultura deles, nas mata e no rio, e andando. Tudo deles. Aí depois, aí o meu parente, aí uma muié, ficou embarrigudona, a parenta. Aí disse que ela falou assim: “Nós tava andando”, nos não, eles, “(Trecho incompreensível)” ai ele tava falando pra ela, “Você ta pesada, como é que cê vai andar, vamos parar por aqui mermo”, até espera ela dá a luz, (trecho incompreensível) depois que cê dá a luz, depois nós vai. Ai a muié: “Então vão.” paro não, continuou andando, inté chegar aqui, oh. Até chega aí no rio, ai o (trecho incompreensível) nós e, Burum disse, Burum é índio, (trecho incompreensível) pegou os trem dele, foi embora. (Trecho incompreensível) no meio da viagem que a Burum disse (trecho incompreensível) ai ele disse “Fica ai e eu vou buscar uma ajuda pra você, pra você ganhar esse neném”. Ai pajé ficou, o cacique foi. Aí foi ele e o capitão, e pajé ficou. A muié, ficou em pé num barranco, assim lugarzinho (trecho incompreensível) eles segura, eu seguro você, cê faz força pra ganhar seu filho”, ela “Tá bom”, no que ele falou isso para ela e ela segurou nos barranco. Aí ele saiu um pouquinho para fazer sua fogueira, né? Fazer a oração dele lá. Ai ela gritou, ai ele saiu e viu bebezinho nascer, cabeça na terra, ai (trecho incompreensível), ele disse: “Ah eu achei o nosso nome agora.”, (trecho incompreensível) aí ele falou assim que encontrou o nosso nome, que tantos nós queria o nosso nome, (Trecho incompreensível) Como que chama então? (Trecho incompreensível), Nak é a cabeça, a terra é Na, que aí nasceu (trecho incompreensível) fica guardado, (trecho incompreensível) fica guardado, (trecho incompreensível) fica guardado, aí o lugar Krenak só porque o neném nasceu com a cabeça na terra, ai ele acho bonito, cabecinha do menino (trecho incompreensível) rumo na terra. Ai ele (trecho incompreensível) agora nosso nome é Krenak, cabeça na terra. Aí ficou até hoje. Bom, aí a muié ficou ali, aí ficou uns 15 dias de dieta, ai depois falei “Agora dá para andar” (trecho incompreensível) aí ela “agora tô bem”. Foi de novo, foi andando, aí os parente tudo conversando com ele, nunca (trecho incompreensível) ele vai lá pa ver o branco, que tinha outro rapaz que conversava com eles, né? Ele tava ensinando o português, e ele aprendendo a palavra do índio, o idioma do índio, né? Pra poder conversar, ele passar para eles, compreender o que eles ta sentido na mata, se tem alguém seguindo eles, violento na mata, porque eles não quer ficar só aqui, nós temo que andar. Atrás do nosso alimento, nossa comida, aí ta bom, aí ele foi, aí andar, né? Que era longe de mais, rodiava esse trem todinho. E

encontramos os parente nas mata, né? Eu, o índio, todo índio anda na mata, procurando os seus alimento, é tudo índio, não é só a nossa origem, todo índio é assim. Come e gosta de peixe e caça, e é comida deles que é das mata, que é caratinga, o índio come banana verde, o índio come mandioca, ele come caratinga, a batatinha que dá na mata.

INTERLOCUTOR: Tem aqui caratinga?

DEJANIRA : Aqui não tem mais nada, que aqui o fazendeiro acabou com as mata. E o pior que se ele não abatesse o veneno, ele brotava, né? Mas o pior que o fazendeiro desmatou e no palco pa poder não nascer ele bate o remédio. E aquele remédio não deixa os broto nascer, e vem a chuva, chove, escorre e esparrama.

JULIANA: Mas as batatinhas nascem em baixo da terra ou em cima?

DEJANIRA : Da terra, da terra. E é onde que cabou, cabou a caratinga, não tem.

INTERLOCUTOR: E do lado de lá tem, será?

DEJANIRA : Tem, do lado de lá, mas lá no parque, né? Agora pra este parte aqui não tem não, porque é tudo os branco eles mata pra poder plantar capim, pra criar boi né, ai eles foram andando, né? Inté chegar no rio, e ai chegou, eles foi, fizeram o fogo deles, cantaram, fizeram o (trecho incompreensível) muié de resguardo tomando banho na água fria, os menininho tudo peladinho, (trecho incompreensível) “Não pode fazer isso não ta tão novinho, a água ta fria.”, e eles vão indo “Tem tudo que acostumar.”, faz parte da cultura, acostumar, é nossa cultura. Ai outro parou e falou assim “Queria ver outro branco conhecer outro branco.”, conhecer outro branco. Aí o irmão do rapaz foi lá e falou para ele, pro branco, né? Pro irmão dele: “Eu vim aqui conhecer ocê.”, “Será que eles não é brabo, não?” “Né não, porque já acostumou, né não. Mas eu converso com eles.” Foi lá, conversou com eles lá. Aí levou. Já tá tudo aqui já, foi lá. Aí quando, diz que os índios, chegou lá, deve que (trecho incompreensível) do lado de lá já, tudo pra lá, do lado de lá, aí disse que índio foi lá. Aí que o outro irmão, o irmão do branco tava aprendendo já falar na língua, ai falou para o outro índio, o índio tá aprendendo a falar já o português, ai foi falou, aí o outro índio foi falou para os parente, né? Que ia trabalhar de chefe, antigamente eles não falava chefe, eles falava encarregado, encarregado. “(Trecho incompreensível) ele é encarregado, ele vai trabalhar com vocês pra não deixar mais acontecer o massacre com vocês, mas isso que acontece com vocês é por causa de terra, então vocês fica aqui.”, então ele ia pedir governo pra poder fazer casinha. Mas o índio assim, pode deixa aí, porque eles não é costumado com casa, a casinha dele era um (trecho

incompreensível) como é que fala, maloca? É aquilo ali... Aí ele disse assim: “Pois é, nós não é acostumado com eles, só tem nossa cobertura, cobertura deles é fogo, não tem pão, não tem nada.”. Aí ele disse: “Tá bom.”, ai foram embora. Aí depois disso, que o índio foi, voltou para o mato, né? (Trecho incompreensível) andava mato tudo, descansando, ficava para lá, foi quando vieram cidade saudade dos peixe aqui, fazer a cultura deles aqui no rio, já sai de novo, é cultura do parente, ai ele veio, ficava aí, aí o encarregado trouxe para pano pra ensinar fazer roupa, ensinando, (trecho incompreensível) eles gosta só é das mata mesmo.

JULIANA: A senhora lembra de algum encarregado, assim, Dona Deja? Já ouviu falar, ou sabe de algum desses chefes, desses encarregados?

DEJANIRA : Do encarregado? Esse encarregado acho que ele já morreu.

JULIANA: A senhora nasceu aqui mesmo?

DEJANIRA : Não (trecho incompreensível).

JULIANA: Mas foi nessa terra indígena?

DEJANIRA : Foi nessa terra, eu nasci, cresci, os meus pai é daqui, minha mãe é daqui, meus avô e meu bisavô, meus povo tudo é daqui.

INTERLOCUTOR: Como que era o nome do pai da senhora?

DEJANIRA : Meu pai, o nome dele é José Manoel de Souza, Krenak, e o apelido dele, eles botaram nome dele, coisa de Paak (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR : Paak? E sua mãe?

DEJANIRA : Minha mãe chama Gracinha, chamava ela de Kratin.

INTERLOCUTOR : Kratin.

DEJANIRA : Já morreu também, morreu tudo minha família.

INTERLOCUTOR : E o seu avô?

DEJANIRA : Meu avô já morreu tudo.

INTERLOCUTOR : Mas é índio?

DEJANIRA : É, morreu tudo. Aí depois de tempo esse nosso chefe, ele foi... Ele chamado Zé Cristino, esse chefe. Ele já morreu, ele não quis trabalhar mais, já era de idade, né? Foi para Tiófilo Otoni. Esse meu irmão que morreu.

JULIANA: Seu Euclides, esse seu irmão?

DEJANIRA : Conheceu ele?

JULIANA: Aham.

DEJANIRA : E quando ele veio embora de a pé, parou na casa dele, aí ele contou essa história e já sabia falar língua, que me contou que o irmão dele chamado Dali

Cristino (trecho incompreensível) esse Dali Cristino, eu cheguei a conhecer também, que ele tinha uma família que morava ali pro lado do cacau, ai ele sempre conta muita história também o veio. Aonde que a gente aprendeu... O branco conta muita história, tempo antigo (trecho incompreensível) dá conselho para eles, não pode ficar aqui, nós pode matar vocês, vocês não pode acabar, tem que vir pra cá. Aí eles contaram história. Esse da Cristina. Aí falei assim “mas era assim mesmo?” Era. Ai depois esse chefe trabalhava um tempão ai, quando essa época que esse chefe trabalhava ai eu era pequena, até que foi embora, ai que eu descobri essa história, o irmão dele sempre vinha pra cá, o da Cristina, sempre vinha pra cá, e ele gostava de passear na nossa casa, casa da minha tia e do meu pai, ai ele contava história, esse veio.

JULIANA: E foi com ele que a senhora aprendeu?

DEJANIRA : Foi ele e meus pai, ele falava (trecho incompreensível), ai depois veio, entrou. Aí botaram o nome desse... Depois o chefe era esse encarregado, daí, era não sei se é (trecho incompreensível).

JULIANA: Teve um tempo, Dona Deja, que os Krenak foram lá pros Maxakali, porque o SPI mandou. A senhora lembra disso assim?

DEJANIRA : Eu era pequena, mas eu lembro, escutava.

JULIANA: Mas a senhora ficou aqui ou foi para lá?

DEJANIRA : Aí eu cresci lá. Não, eu fiquei lá, fui pra Maxacali (trecho incompreensível).

JULIANA: A senhora era pequena?

DEJANIRA : É, igual essa, aí depois eu cresci um pouquinho lá, aí fui compreendendo. O meu pai contava história. Ficava lá no meio de Maxakali, lá tinha muito Maxakali. Mas meu pai não quis ficar lá não, nem meus tio não quis ficar pra lá. E tinha muito índio, índio lá tinha muito também. Aí... Mas nossa terra foi trocado com Maxakali, botaram nós pra lá. Ai aqui ficou só um índio, mas porque tava em beira do rio, que é pai da minha prima, chama Eva. Tá bom, ai foi só a muié dele, foi a custo, né? Foi pra lá. A gente pensou que tava tudo bem, né? Mas a gente tiver lá a gente num gostou de fica lá. Ai foram o irmão, minha tia, meu tio, aí veio embora. Fugiu de lá.

JULIANA: O quê que aconteceu lá no Maxakali, Dona Deja? Como que era a vida de vocês lá?

DEJANIRA : Lá era difícil, muito difícil. Muito difícil! Uma dificuldade danada. O pessoal (trecho incompreensível) prantava, arroz (trecho incompreensível), plantar, os

meus pai trabalhava de dia pra poder eles pagar pra gente comprar as coisa, mas era muito difícil, ai o parente não gostou também, não, né? Aí meu tio veio embora, meu irmão veio embora, veio minha família. Parece que 4 família. Fugiram. Veio embora de a pé, (trecho incompreensível) descansando nas estradas, né? Meu irmão diz ele que ele passou uma fome, comia essas folhinha que caia junto na rodagem e bibia água e ia embora. Então meu irmão, ele que conta essa história pra mim, passa uma fome, mas nos encontrou o antigo chefe, mas ele deu comida pra ele, deu aquele... Rapadura, que antigamente não usava, não usava açúcar, usava mais o coisa de melado, coisa de cana. Antigamente usava era coisa de melado, rapadura, melado, ai deu pra eles, que eles ficou muito legre meu tio (trecho incompreensível) deu para ele, deu carne seca, farinha, arroz, gordura... “Quê que oces tão fazendo aqui, meus filho?” “O que nós ta fazendo aqui, nós fugiu lá da Aldeia Água Boa, nós fugiu de lá, que o parente não se dá bem com índio”, e também não conhece, não tem intimidade. Ai onde que eles não gostou da terra, aí veio embora.

JULIANA: E a senhora voltou dessa vez?

DEJANIRA : Não, fiquei pra trás, fiquei com os meus pais. Fiquei com o meu pai, meu tio, minha tia, fiquei pra trás ainda. Aí eles vieram embora, para Krenak, aí quando chegou aí em Valadares, um bocado de índio veio pra cá, e um bocado, ao invés de vir pra cá foi Euclides e foi pra lá mais meu tio. Foi pro lado de Vanuira, passou nas casas, chegaram em um Rio de Janeiro, lá tinha o Museu do Índio, onde é que os pessoal trabalhava, que (trecho incompreensível) tio passou lá pra pedir paz.

JULIANA: Quem que era o tio da senhora, desculpa, Dona Deja?

DEJANIRA : Hã?

JULIANA: Quem que era o tio da senhora? Era Jacó?

DEJANIRA : É Jacó, e esse tio meu que eu tô falando é Celi, é pai da Laurita.

JULIANA: Celi?

DEJANIRA : É.

INTERLOCUTOR : Como?

DEJANIRA : Pai da Laurita.

INTERLOCUTOR : Qual que é o nome dele?

DEJANIRA : Celi.

INTERLOCUTOR : Celi. Aham.

DEJANIRA : Ai eles passaram a minha tia, chamada, chama Bastiana, Bastianinha. Ai passaram lá, um bocado do índio veio pra cá, que a minha tia chama Lucinha veio pra

cá. E aí um bocado foi pra lá, (trecho incompreensível) que foram lá pedir paz. Foram perguntando até formaram para ele e chegaram lá, aí falaram: “Nós somos índio.” Aqui tem o museu do índio e levou ele lá, um bocado de homens lá, antigo chefe que trabalhava aí no tempo SPI. E foi embora um chefe, o primeiro chefe foi embora e veio outro, né? Ficou uns tempo aí, foi embora e veio outro.

JULIANA: Mas a senhora foi lá para Vanuira ou a senhora voltou para cá?

DEJANIRA : Não, eu não fui em Venuira.

JULIANA: Voltou para cá?

DEJANIRA : Eu?

JULIANA: É, como que foi depois do Maxakali?

DEJANIRA : Eles levaram nós pra Brasília, pra nós ir embora lá pra terra do Carajá. Mas meu pai falou pra eles que nós não ia embora pra terra dos outros mais não, já chega. Nós têm terra, pra que nós vai pra terra dos outros? Não, nós vamos pra nossa terra. Aí diz que eles falaram assim “Não tem terra lá.”, “Então nossa terra tá com eles é nossa, sim.”, “Não tem, você vai encontrar branco lá.”, “Mas nós não quer nem saber. Eu não vou pra terra do outro índio mais não, vou para a nossa terra.”, teimou, bateu pé, nós não vai. “Lá não tem, não tem terra”. “Tem sim, eu quero ser enterrado lá na minha terra”. Falou que não ia, não foi mesmo, “Minha família não vai.”, aí o homi falou assim “Meu cumpade não vai, eu também não vou.” Duas família ainda que é nós e outro homi (trecho incompreensível). aí nós ficamos lá, “Você vai pai, vamos Carajás?”, “Não, falei que não vou. Pode me matar não vou, não, não vou mermo!” Aí disse que o chefe falou assim, “Olha tô falando com ocê, tô avisando vocês, vocês não querem escutar, tô falando pro bem de ocês”, “Não, vô volta pra minha terra, eu moro na ilha, tem ilha, tem pedra, eu vou pescar, eu vou me virar, eu não vou mexer com pranta.”

JULIANA: Mas quem que queria que o pai da senhora fosse lá pro Carajás?

DEJANIRA : A encarregada, mas essa encarregada já é de Maxakali, é de lá.

JULIANA: Ele não queria que os Krenak voltassem pra cá?

DEJANIRA : Não, meu pai falou que não ia pa terra do cajá, é lá de Goiás, né? É, Goiás, aí o meu pai não quis, não. Teimou que não, vou não. E na outra semana “Quero ir embora pra Krenak, quero ir embora pra Krenak.”, aí ele pegou e “Tá certo. Cês quer ir embora pra Krenak eu vou levar vocês inté no...” Tem um lugar que antigamente o trem não ia lá... Uberaba. “Eu vou levar vocês dentro do caminhão, nas caçambas, vou arrumar alimento pro cês, pra não fica com fome dentro do (trecho

incompreensível) viu?” Tá bom. Aí arrumou, (trecho incompreensível) arrumaram as coisa pro meu pai, tá tudo cheio de fio, que é muito menino, né? Aí colocou nós, arrumou com alimento, ai trouxe, (trecho incompreensível), ai chegou (trecho incompreensível) aí chegou, o trem encostava, nós foi lá, botou nós na caçamba “Bom, aí conversei com vocês, vocês não me escutou.” Aí o meu pai “Não, que eu quero minha terra, lugar que meu povo morreu, cabou tudo. Então eu vou pra lá, eu vou pra lá.” Aí ela “Tá certo. Então ocês vai com Deus” o homi falou. Ai nós veio embora, embarcou nós, o homi, o encarregado, e veio embora.

JULIANA: E como é que estava aqui a terra?

DEJANIRA : Quando nós chegemos? Uai, tava cheio de branco. Cheio de branco, lá pra (trecho incompreensível) tinha patronato, é patronato que fala?

JULIANA: De criança?

DEJANIRA : Aham... Que tava tomando conta, tava lá, tinha muita gente branca.

JULIANA: Ainda tinha presídio?

DEJANIRA : Tinha um presídio chamado... Presídio, assim, pequeno, chamado de, eles falava antigamente, era Cubiquinho, né?

JULIANA: Já tinha acabado o prédio do reformatório?

DEJANIRA : Não, esse ai depois.

JULIANA: É depois?

DEJANIRA : Depois. Ai o presídio conteceu, foi com a Fundação Nacional do Índio. O SPI tinha presídio, mas era, eles falava, Cubiquinho, (trecho incompreensível) dentro e marrava o índio, marrava o pé dele com corrente e ai ficava andando lá dentro.

JULIANA: Aqui mesmo? Onde?

DEJANIRA : É, ai mesmo, lá em cima, lá onde mora o Zezão, lá em cima. Ai tá bom, nós viemo, nós viemo embora, quando foi, chegemos aqui o trem, lá vai nos pobre do índio veio com caicai nas costas, eu falei “Meu Deus meus pequenos, aqui que é no nosso lugar, nosso parente morreu tudo, (trecho incompreensível).” ele falou que meu parente morreu, “Então nós vamos morrer aqui também.”. Aí descemo o rio, ai naquela época tinha barqueiro, branco era barqueiro, o branco tomava conta, né? Foi, travessou nós, botou pra cá. “E aí? Vocês vão morar onde, tá tudo ocupado?” falou assim “Não, não tem lugar pra mim ficar. Eu morava nas pedras, lá na ilha.”, aí falou assim “Aí só tem um índio veio ali, índio veio ali, que num foi pro Maxakali, ele mora lá ainda.”, aí meu pai disse “Ele é meu cumpade, eu vou lá na casa dele, amanhã mesmo eu vou levantar a minha barraca”, aí nós foi, passou direto. Chegamos na casa

dele, passou direto pra cá, pra baixo, o veio morava aqui, ai nos passou direto, por causa do Joaquim Grande. Aí na casa (trecho incompreensível) me lembro como hoje, na casa (trecho incompreensível) falou assim (trecho incompreensível) nós não sabia (trecho incompreensível) de Ivanuira, eu não sabia não. Antiga. Ai virou (trecho incompreensível). Aí pai falou assim (trecho incompreensível). Aí que levou muito tempo, que veio a papai, “O senhor aqui de novo pai?, papai: “Tô aqui, eu vou voltei pra nossa terra, o (trecho incompreensível) não tinha terra, terra de branco, mas falei que não queria mais não. Eu queria morrer na minha terra, terra do outro não.”. Aí não foi, ai nós viemos pra cá. Ai vamo pra cá, pai. Aí foi lá na ilha, manhã nós vai fazer sua casa, aí fez. Cabaninha, né? Pra pode morar. Ai meu irmão tinha a barraquinha dele, de capim, de (trecho incompreensível), fez barraquinha dele, tava pronta a dele, ai faltava nós. “Ah, pai, nós fica aqui, nós pesca, nós faz nossa cultura aqui, porque aqui tá bom, na beira do rio tem peixe, tem tudo, pranta mandioquinha, a gente come, não precisa tá andando atrás de ninguém, não. Bobeira, na terra dos outros?” Aí ficou, fez o ranchinho dele, né? Fez a barraquinha, (trecho incompreensível) família dele. Aí depois ele foi, (trecho incompreensível) limpou pra poder prantar as prantinhas, prantou. Ai é grande, tem até hoje essa ilha, a ilha é grande, imensa de ilha. Agora a gente pode nem entrar dentro d’água, né? Porque tem água, tem que passar dentro d’água, a gente passava de a pé. Quando o rio fica vazio a água baixa, a gente passa a pé, nas pedras. Ai meu pai, coitado! Ta pescando, vendia peixe, e comia outras coisas que a gente fazia pa come, um arroz, ou um doce, né? Aí a gente comprava, se virando. (Trecho incompreensível) é bom, foi indo, foi indo, nós ficamos ali, depois meu irmão tornou vortar pra Vanuire, que a muié dele é de lá. Porque ele era viúvo, né, perdeu a muié dele lá em Maxakali, morreu, lá em Maxakali, o filho e levou o outro, ai o outro morreu em Vanuire. A muié queria vortar pa lá, aí foi. Ai nós ficou. Ai, vem escutando, ai o meu pai morreu, aí os branco saiu das casa lá, o patronato, o pessoal correndo atrás da terra pra poder a gente ter a terra, os parentes, a Laurita, Nego, Jamelão, esses dai que veio. Não, terra, não tem Jamelão, não, ai já é da Fundação Nacional do Índio. Tá bom. Aí só era a Laurita. Ai ela mudou lá para (trecho incompreensível) nós foi também, nos foi lá. Ai eu falei “Oh pai, nós vamos lá pra cima?” Aqui tá bom, gosta de ilha, tá bom.”. Ai com uns tempo ai veio minha tia, essa Celia, veio direto Vanuire, veio. Ai meu pai “Você vortou Ce, (trecho incompreensível).” “Ah, eu vortei pra cá, porque aqui que é nossa terra. Pra quê quer terra dos outro? Não, cada um tem a sua terra, vamos ficar aqui mermo.” Mas a tia falou assim “Nós

vai fica lá em cima”, aí “Não, faz barraca aqui”, ai ela foi fez barraquinha ai também e ficou. Aí quando branco vê que a gente tá juntando eles sabe, foi dito e feito, ai foi saindo e saindo, aí minha prima ajuntou com branco, ai ela foi morar lá onde era patronato, e cadê os menino? Ai o pai falou “Eles vortaram para Resplendor. Tocou no coração deles que a terra é do índio, né? Mas era obrigação de entregar.”, né? Só pode, que era padre que toma conta, aquele, é? Ai eles vortou, ai não tinha (trecho incompreensível) tem, ai nós pra lá, mas tava vazia mesmo, casinha deles. Aí ficamos lá até, ai meu pai adoeceu e morreu.

JULIANA: Dona Deja, como que foi que a polícia chegou aqui?

DEJANIRA : Hã?

JULIANA: Como que foi a polícia chegou aqui?

DEJANIRA : A polícia chegou depois que meu pai morreu, ai levou uns tempo, uns dois mês por ai, chegou. Eles falava Fundação Nacional do Índio, ai chegou sargento, cabo, coisa de polícia, né? Aí trabalhando, depois veio mais, depois veio muito.

JULIANA: O quê que eles faziam aqui, como que era?

DEJANIRA : Eles construiu tinha antigamente, tinha uma casona cumprida, que eles falava que era enfermaria, coisa de hospital pra botar índio internado ali, tomar remédio, e essa casa eles construiu, fizeram cadeia, ai ta bom. Foi chegando polícia, ai depois veio chegando mais índio, índio de fora. Veio de fora índio, ai vinha mulé, homi, tudo de fora, que a polícia trazia e botava ali. Depois meu pai não, “(Trecho incompreensível) porque tem tanta polícia e vem de fora?”, a minha prima falou isso, ai já tava grandinha já, ai já tava veia. A mulher do sargento, pergunta a muié primeiro, perguntou a muié do sargento, vou perguntar a mulher primeiro, ai a muié falou “Ah esses índio que ta ai, são os preso”, mas onde eles prenderam? Nessa casa ai por dentro colocaram ferro, fizeram uma cadeia, falei “Ah, então não é mais enfermaria?” “Não, é na cadeia, botar o índio preso, o índio que andar errado, vai preso, é desse que apanha, a polícia é má., “A polícia é má não é?”, “É má.”. Eles trouxe muito índio, ai eles fizeram a lavoura de mandioca, tinha cachorro policial, aquilo quando o índio fugir, né? Pra poder sortar e caçar o índio, disse que é assim. Falei “Nossa! Eu não sabia.” Não, essas polícia é tudo de fora, e eles vai longe ver se o índio ta na cidade, se tá nos buteco, nas venda, né? Às vez bebendo, às vez nas festa, nos pagode. Ai eles vê que tá lá, cataram tudo dentro do caminhão, ai caminhão esperando, chegaram de caminhão, botaram dentro do caminhão e trazia direto pra cá.

JULIANA: E vinha índio da onde, a senhora lembra?

DEJANIRA : Índio vinha lá de Goiás, Belém, vinha de Belém, do Bananal, vinha do Mato Grosso, Paraná, vinha lá do Corumbá, vinha de tudo. Maxakali, de empresa. Maxakali (trecho incompreensível) índio de todo lado. Da Amazônia, tinha inté da Amazônia.

JULIANA: E como é que eles tratavam esses presos?

DEJANIRA : Esses preso eles mantinha preso, e botava serviço pra eles trabalhar, trabalhava igual escravo, né? E limpar, capinar, prantar pranta, mandioca...

INTERLOCUTOR : Eles forçavam os índios a trabalhar então?

DEJANIRA : É claro que forçava! Passava a caneca deles... Eu tenho a caneca deles aí, é até lembrancinha, pra eles bebe o mingau pra queimar a boca, tá aqui a caneca, eu guardo, (trecho incompreensível) veinha eles preso tomava oh. A caneca deles, guardo até hoje, ele tomava café nisso, café, leite. Isso aí, e isso é quente, isso é até da Fundação Nacional do Índio, a canequinha ninguém tem, só eu.

INTERLOCUTOR : Na época ainda do reformatório.

DEJANIRA : É da época do reformatório, isso aí. Vê que ela ta veinha.

INTERLOCUTOR : Outra coisa, Dona Deja, esse pessoal, os policia, que tomavam conta do reformatório e tal, eles tinham relação com os fazendeiros daqui? Eles recebiam os fazendeiros lá, ou quando vocês andavam nas fazendas eles iam atrás de vocês, para buscar vocês?

DEJANIRA : Eles tinha conversa com fazendeiro ai né, por tanto que a terra foi trocada com (trecho incompreensível). a terra foi trocada, fazendeiro. Falaram que trocado, trocado em quê?

Vender, não vendia, e falava que nós não tinha terra, tinha trocado, a terra com Fazenda Guarani, Fazenda Guarani lá é nossa também, disse que era nossa, né? Então é nossa. Mas aí foi aí que chegou tempo, né? Negócio de policial, trabalha pra polícia e apanhando, e tanta coisa, ali tinha um zuerão, que índio apanhava e gritava, gritava, levava índio pra dar banho, (trecho incompreensível) bagunça, né? Aí num sabia o que eles... Nós ficava quietinho, nós ficava com medo. A gente não podia falar a linguagem, não, era proibido.

JULIANA: Mas os Krenak que não estavam preso, eles tinham contato com esses presos que vinham de outros lugares?

DEJANIRA : De outros lugares, o Krenak tinha?

JULIANA: A senhora conversava com eles, as pessoas do Krenak tinha contato?

DEJANIRA : Não, a gente perguntava, ia lá perguntar quando eles estava descansado, a gente perguntava a ele da onde que eles era e eles falavam. Porque tem gente que gosta de beber muito, outros gosta de festa, outros gosta... Coisa então, índio não podia beber nem guaraná, que tem aquele cheiro, ai eles levava e prendia, falava que era bebida, ia lá prender. Índio que era criminoso, matava, brigava lá na terra deles lá, eles ia buscar, punha tudo ai, portanto a gente tem índio Pankararú, de longe,

JULIANA: (Trecho incompreensível)?

DEJANIRA : Pankararú.

JULIANA: (Trecho incompreensível).

DEJANIRA : Ai ele tá ai até hoje, casou com uma prima minha, tá aí até hoje, nunca mais voltou pra terras dele. A mãe dele morreu ai, e é tudo preso, o pai dele, ele, todo mundo preso. O pai dele morreu, a mãe dele morreu, morreu tudo, ficou ele ai. Ficou ele ali, e a muié, é irmã dele, ficou, ai ela casou com Krenak, mora lá para o lado de (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR : E ele tinha vindo preso também?

DEJANIRA : Eles vieram preso.

JULIANA: O quê que a senhora acha que mudou, assim, quando veio pra cá o presídio, assim, o que aconteceu na vida de quem já estava aqui, dos Krenaks?

DEJANIRA : Uai, mudou quando eles veio pra cá, porque eles botaram nós, expulsou nós, tirou nós, botou lá pra Fazenda Guarani. Enganou nós, falou que nós não tinha mais terra, que essa terra já era de outra pessoa, né? Aí nós foi, botaram nós no trem, levou índio algemada, eles que ficou aqui que não foram pro Maxakali, saiu algemado, foi dentro do carro, pra Fazenda Guarani, e nós foi no trem, né? Até chegar lá no... Itabira, chegamos as oito horas da noite, aí o caminhão lá esperando nós.

INTERLOCUTOR : A senhora tinha que idade nessa época mais ou menos?

DEJANIRA : Nessa época eu já era casada.

INTERLOCUTOR : Já era?

DEJANIRA : Já tinha a mais veia, a Cida, ai nós foi. Já tinha a mais velha, Cida. Aí no foi. (Trecho incompreensível), igual uma pessoa criminoso, né? Eu acho, botou tudo no caminhão, nós foi, levou só vai assim no carro, é morro. Aí nós chegamos lá, (trecho incompreensível) madrugada, no frio que Deus dava. Friagem, lá a terra fria, ai eles falava que lá tinha peixe, lá tinha caça, caça tem, mas peixe não. Lá não tinha rio, tem rio, tem peixe, muito peixe, tem as casa do índio, já tava tudo vazio. Oh, Deus, até

hoje quando eu sento, agora, eu sento ai alembro. Alembro a Fazenda Guarani, que é aquela terra lá faz parte de nós também, porque a gente que pegou ela, a gente foi pra lá, e lá não tinha nada de rio, e lá não tinha índio, e lá não tinha casa vazia nada, as casinha tava tudo cheia de branco. É, mesmo que a gente tava expulsando eles pra outro lugar, né? Ai (trecho incompreensível) aquele morrão, só via fumaça, serração. Como é que pode, né? Pessoa mentir pra gente. Aí falo assim “Oh, Cabo Vicente, cadê o rio, cadê o peixe pra nós pesca, pra nós comer?” Não tem!

INTERLOCUTOR : Foi ele que levou a senhora e a sua família para lá?

DEJANIRA : Levou todo mundo o policial. Mas naquela época que a gente tava trabalhando tomando conta do índio era ele, tava no lugar de chefe.

JULIANA: E ele tava aqui primeiro ou a senhora já conheceu ele já na Fazenda Guarani?

DEJANIRA : Não, ele não é Fazenda Guarani, ele é daqui de Conselheiro Pena, mas isso ai acho que já morreu também. Já morreu.

INTERLOCUTOR : E ele era encarregado nessa época?

DEJANIRA : Não, ele tô falando coisa agora, ai ele estava no lugar de encarregado, ele era chefe. Ele era policial, da polícia passou pra trabalhar com índio, ai ele era cabo, mas nós falava de chefe.

JULIANA: E lá na Guarani como é que foi a vida de vocês, Dona Deja?

DEJANIRA : ãh?

JULIANA: Como era que foi a vida de vocês?

DEJANIRA : Ah, lá a vida é amargurada também, igual Maxakali. Lá é bom pra quem é aposentado, quem é funcionário. Uma pessoa que não tem trabalho nenhum não presta, porque como que ele vai sobreviver? Não tem como. Lá só tinha banana e chuchu, só. Peixe não tinha pra comer com banana. Tinha caça (trecho incompreensível) bichinho, mas tem passar fome. Lá é difícil, a pessoa vive lá de artesanato, agora que os Pataxós tá morando lá, que a gente veio para cá, ah, nós temos essa terra, eles tão coisa, sem terra, então foram pra lá. Aí tão morando lá, tão vivendo a vida deles lá, os Pataxós.

JULIANA: E lá tinha preso?

DEJANIRA : Preso, os preso foi daqui pra lá. Mas tinha um hotel, lá era um hotel, lá tinha alambique, lá tinha tudo, lá quem tomava conta de lá, quem era dono de lá, um homi chamado de Magalhães, e esse português tinha tudo lá, essa terra era do homem que morreu, tomou conta lá. Esse Magalhães tinha alambique, tinha de tudo

lá, pranta, coentro, uva, de tudo, jabuticaba, eles fazia vinho pra transportar, ia tudo, os português. Esse português que era de fora, ai o português, era só ele e a mulher, ele não tinha família, não tinha pra quem deixar a herança, né? Aí ele separou, o cara era muito rico. O homem lá, era rico, ai então esse português tinha hotel, casa de cinema, casa de escola, tinha casa de... eles falava, sobradinho, casa deles lá, moradia deles, tinha um chalé, muito bom. Tinha tudo lá. E tinha as casinha que ele para os camaradas deles trabalhar, os escravos dele trabalhar, teve escravidão também. Tinha lá, as casinhas, tudo escravidão dele, morar, trabalhar pra eles, fazer esse trabalho pra eles. O homem lá era muito rico, e ele tocava esse terreno. Aí, lá dentro desse hotel tinha cadeia, lá dentro tem, cadeia. Pra as pessoas que bagunçava lá nos hotéis, né? Pegar preto, botar lá, lá tinha cadeia lá pros fundo, cadeia lá pra dentro. Lá tinha a cadeia e tinha outra coisa de abelha, oropa, mel.

JULIANA: Quem que ficou preso lá, Dona Deja? Quem que ficou preso lá no guarani?

DEJANIRA : Os presos foi daqui.

JULIANA: Tinha Krenak também?

DEJANIRA : Tinha um Krenak, um cachaceiro, né? Mas depois eles deixava solto.

INTERLOCUTOR : E os Krenak foram os primeiros a chegar na Fazenda Guarani ou já tinha índio lá?

DEJANIRA : Não, lá não tinha índio não, lá só tinha branco.

INTERLOCUTOR : E depois chegou mais?

DEJANIRA : Aí depois chegou nós. Tinha os branco que morava lá, depois chegou nós, depois pra desocupar casa, aí, como é que fala? Pagou eles, como que fala?

JULIANA: Indenizar, a senhora fala?

DEJANIRA : Aham. Passou o dia com eles e devia ter pagado, né?

JULIANA: Indenizar, a senhora fala?

DEJANIRA : É. Trabalho deles, trabalhador antigo já. Lá tinha professor que dava aula à noite tinha tudo, energia tocada água.

JULIANA: E morava aonde, Dona Deja? Que as casas não estavam fazias que a senhora falou, né?

DEJANIRA : Nós fiquemos em uma casinha de cinema.

JULIANA: De cinema?

DEJANIRA : Uhum. Aí eles tirou tudo, aí botou naquela casona grande. Nós tudo ali, tudo tumultuado, inté a casa esvazia. Ai casa esvaziou, aí o branco foi embora, ai (trecho incompreensível) da casa. Fiquemo lá. Fiquemo lá um tempão, inté a polícia

deixar nós em paz, fiquemos lá. Aí quando eles deixou nós em paz, fiquemo só, só o chefe tomando conta, passou pro Vicente, do Vicente passou pra outro chefe, e ai nós ficou lá inté. Liberar tudo, aí os preso já tava tudo liberado.

JULIANA: E a senhora lembra o quê que a polícia fazia lá na Fazenda Guarani? Se tinha atividade da polícia?

INTERLOCUTOR : O quê que eles ficavam fazendo, a polícia?

DEJANIRA : Ele já foi daqui pra lá

INTERLOCUTOR : Ah tá. Então o policial que ficava lá veio daqui?

DEJANIRA : Policial... Porque lá tinha policial do fazendeiro.

INTERLOCUTOR : Ah, do Magalhães.

DEJANIRA : Aí aqui já tinha, daqui foi pra lá, aí enganaram nós e levou nós pra ele, aí nós foi pra lá.

INTERLOCUTOR : Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora, os guarani chegaram então depois do Krenak lá na fazenda?

DEJANIRA : Não, lá o lugar chama Guarani.

INTERLOCUTOR : Mas teve índio guarani lá também?

DEJANIRA : Teve, teve depois, nós já tava lá.

INTERLOCUTOR : Pataxó chegou depois?

DEJANIRA : Pataxó chegou depois.

INTERLOCUTOR : Mas ai a senhora viu os pataxós chegando também?

DEJANIRA : Vi, quando eles chegaram lá, nós já tava lá já.

JULIANA: Senhora Deja, pode voltar um pouquinho aqui pros Krenak? A senhora lembra de parente Krenak que foi preso aqui?

DEJANIRA : Lembro, o Jacó, o Jamburri, acho que, acho que a minha tia, minha tia também, ela foi presa.

JULIANA: Tinha mulher presa então também?

DEJANIRA : Tinha, mulher lá de Carajás presa. Acho que uma chama até Julieta. Eu falei assim “Menina, como que você se chama?” E ela respondeu “Chamo Julieta” Mas como é que cê veio parar aqui nesse lugar tão feio, cadeia... Aí ela falou assim “Ah! Eu tava na balada. Eu estava na balada, dançando forrozão lá. Dançando forrozão, tinha bebido um vinho, ai veio a polícia e me chamou pra dançar, fui dançar mais ele e veio aquele bafo de vinho, ele me algemou, você vai embora”, aí ela falou assim “Não! Eu não vou embora não, que moro junto com minha cunhada” e o irmão dela já tava na frente, preso. “Não, eu não vou, não, que eu tô morando junto com a minha cunhada,

porque se foi levar eu, tem que levar ela também, que é esposa, tô em Carajá, ele é meu irmão. Mas eu vou pra lá, onde tá meu irmão?” É pra lá mesmo que você vai. “Assim, meu Deus, não. Então vai ter que levar minha cunhada, não vou só, não, pode me matar, sem minha cunhada não.” Não, nós leva ela. Aí eles foram, buscou ela, a cunhada dela...

JULIANA: Julieta e mais uma, quem que era a outra a senhora lembra?

DEJANIRA : A cunhada dela, a muié do Carajá, era chamada de Martinha. Ela tinha um menininho.

JULIANA: E a Martinha ficou presa também?

DEJANIRA : (Trecho incompreensível) trouxe eles pra cá. Aí fui perguntando, “A minha cunhada veio, preso”, “Por quê?” “Por causa de mim, e eu vim presa, é preso, porque amarrou o meu braço por causa de um vinho que eu bebi. Ele sentiu o cheiro”, você tá presa, aí ela falou “não, eu não vou presa, não”, “Você vai lá onde tá seu irmão”, “Não vou sem minha cunhada, não, que eu moro com ela”, “Não, nós leva ela também”, “Ela tem filho”, “Não, nós leva o menino”. Trouxe, trouxe ela, pegou caminhão, desceram em Belo Horizonte, aí pegou caminhão só (trecho incompreensível).

JULIANA: E todos ficaram preso?

DEJANIRA : De certo ela ficou.

JULIANA: Mas os meninos também, as crianças?

DEJANIRA : Depois sortou ela, no outro dia, a muié aí ela foi para a cozinha, né?

JULIANA: A Martinha ou a Julieta?

DEJANIRA : A Julieta, as duas, as duas (trecho incompreensível). Aí ela foi fazer comida. (Trecho incompreensível) sabe dessa história direito, negócio de alimento, olha a Ana Julia, minha prima.

JULIANA: Ela também era cozinheira né?

DEJANIRA : É, ela, a Maria Sônia, a mãe do professor Marcos.

JULIANA: A senhora não trabalhou, não, lá?

DEJANIRA : Não, lá não. Agora elas trabalhou dentro da fundação. Essas caneca aí ela que areava, lavava, dava para eles, não tinha outra. Era muito copo. Só desse, não tinha de outro. A marmitta deles come era desse tamanho, tudo de alumínio.

JULIANA: Quantos presos chegou a ter, a senhora sabe?

DEJANIRA : Aí eu não sei não, era muito índio, eu não sei não.

JULIANA: A senhora falou do Senhor João (trecho incompreensível) um pouquinho mais cedo... E da Guarda Rural, teve Guarda Rural aqui, né?

DEJANIRA : Teve.

JULIANA: Ele participou ou não participou?

DEJANIRA : Participou.

JULIANA: Como é que foi que ele entrou na guarda? A senhora sabe?

DEJANIRA : Eu acho que foi negócio de Guarda Indígena eu acho que é pra polícia, pra ter presos, eles como é branco é errado, né? Ai eles foram, indicou Guarda, Policial Guarda, índio com outro índio pode apanha, né? Pode judiar com o outro, né? Eu acho que foi isto, é.

JULIANA: E como que as pessoas entravam na guarda, os índios, era escolha deles? Era imposto?

DEJANIRA : Eu acho que era escolha deles.

JULIANA: Eles escolhiam?

DEJANIRA : Eu acho que sim. A escolha deles né? Eu não vi.

INTERLOCUTOR : E tinha Krenak na guarda?

DEJANIRA : Tinha só... Eu acho que não tinha, não.

JULIANA: João (trecho incompreensível) é Krenak?

DEJANIRA : É, meu irmão do Nego, José Alfredo.

JULIANA: Irmão do Cacique, né?

DEJANIRA : Irmão do Cacique, Nego. A Júlia vai saber muito dessa história deles. Ela mais a Sonia são veinha, mas deve que ela lembre ainda, mas ela sabe dos que veio, como que eles vieram, ela era cozinheira, ela fazia comida, levava vasilha pra eles, e eles, os homi tudo trabalhando nas roça.

JULIANA: Os homens trabalhavam na roça?

DEJANIRA : Só prantio de mandioca, cana e verdura. Eles mesmo, né? É isto ai.

INTERLOCUTOR : Nessa época eles deixavam vocês conversar na linguagem?

DEJANIRA : Não, não, eles não gostava de índio conversando na língua, não. Tem índio que não sabe falar, né?

INTERLOCUTOR : Mas a senhora sabe o porquê eles não gostavam?

DEJANIRA : Uai! Porque eles acham que tá falando deles. Com fome?

JULIANA: Oh gente, vai lá.

DEJANIRA : Aí, dá café eles. Já passou de meio-dia, né? Tem almoço ai.

JULIANA: E se pegava falando na língua?

DEJANIRA : Hã?

JULIANA: Se pegava falando na língua? O que acontecia?

DEJANIRA : O quê?

JULIANA: Se encontrava pegando na língua...?

DEJANIRA : Eles ficava brabo, prender, né? Não podia falar, que eles falava que tava xingando eles.

INTERLOCUTOR : Quer dizer que eles prendiam alguns índios só porque pegavam eles conversando?

DEJANIRA : É, não podia, não. Porque eles não entendia, porque vai falar na língua? Porque tinha que falar em português igual eles mesmo, tem que falar tudo na língua.

INTERLOCUTOR : E judiação com os índios, tinha, acontecia assim de bater de fazer alguma coisa?

DEJANIRA : Tinha. Arrastou finado pai do Douglas, no cavalo, que o mesmo não queria estudar, né? Porque o menino eles não sabe como menino é, menino faz hora na escola.

INTERLOCUTOR : Ele estava com 10 anos, né?

DEJANIRA : Aham, conversa muito. Ai ele ia pescar, pegar a (trecho incompreensível) e aí pescar, pescar lá para cima, ai o soldado caçava os alunos, né? “Cadê o aluno?”, “A não tá aqui não, eu acho que tá pescando”. “Cadê o menino?”, a mãe dele falava “Foi pescar”, aí pegava e ia lá buscar, trazia o Nadio, arrastando no cavalo. Mas foi muito ruim. É difícil mexer com polícia, até hoje eu tenho trauma de polícia. Bicho polícia é do capeta, é tentado, é capeta mesmo. Não tem dó de ninguém, não tem dó. Deu café ele? Tem biscoito aí, não quer comer, não? Vocês não quer, não?

INTERLOCUTOR : O pessoal vai vir, já nos vamos sair pra almoçar também.

JULIANA: Dona Deja, e com as mulheres? Como que era o tratamento com as mulheres? Tinha judiação com as mulheres também?

DEJANIRA : A mulé, mulé não podia falar a língua, mulé tinha que ficar... Não podia fazer fogueira, a gente tem a cultura da gente, né? Então a gente tinha que manter a cultura, a gente tinha fazer a cultura da gente é escondido e não pra eles ouvirem. Eles ficava bravo. Negócio da ditadura é muito difícil, né? Tipo escravidão, né?

INTERLOCUTOR : Dona Deja, a senhora tem... Sabe de alguma história de alguma índia que, mesmo essa... Como que era o nome dela? Letícia, essa que veio presa porque bebeu vinho?

JULIANA: Martinha e Julieta.

INTERLOCUTOR : Você sabe se alguma vez, algum policial desse que cuidava, tentou agarrar ela a força sem ela querer, ou qualquer outra índia, a senhora já ouviu falar alguma coisa?

DEJANIRA : Ah, eu não sei, não. Deve que tentou, né? Porque a gente não sabe, que estava pra lá, pro lado de...

INTERLOCUTOR : Mas aqui também, com as índias daqui não tem nenhuma história de nenhum policial tentar?

DEJANIRA : Não, que eu sabe não. Não sei, não.

INTERLOCUTOR : Namorar a força...

DEJANIRA : Talvez tem e eu não sei.

INTERLOCUTOR : Porque às vezes a pessoa, se aconteceu, fica até com vergonha de falar, né?

DEJANIRA : Isso é urso?

JULIANA: É, lá dos Xacriabá.

DEJANIRA : Achei que era sementinha.

JULIANA: É missanga, isso daqui é (trecho incompreensível).

DEJANIRA : Tem ossinho de quê, será? Ossinho de galinha?

JULIANA: Não sei dizer para a senhora.

DEJANIRA : (trecho incompreensível) bunitinho, parecendo coral, né?

JULIANA: E quando voltou para cá, Dona Deja, depois da Fazenda Guarani, como que foi a vida?

DEJANIRA : A nós vortemos pra cá, minha prima veio na frente, a Laurita e Jose Alfredo, e o Manelão. Fugiu pra cá, também fugiram. E eu fiquei pra trás, eu, a mãe dele, tinha mais gente pra trás.

JULIANA: Lá na Guarani a senhora ficou? Ou em outro lugar?

DEJANIRA : Fiquei na guarani, fiquei lá. Aí quando eles vieram pra cá, chegaram a ir, como que fala? Onde que era a cadeia... Já não estava mais em pé, tinha caído, a cadeia tinha caiu, as máquina (trecho incompreensível) onde é que se fazia cozinha... Que os índio antigamente (trecho incompreensível) que fazia canjiquinha, pilava arroz, fubá. Só esse máquina de ferro que tá em pé. Antiga, há muito anos atrás, só isso. Agora as casa caiu. Mas foi, que derrubou, foi a água de 79, que derrubou. Carregou tudo e só ficou casa caída e a máquina, antiga máquina, do tempo dos índio antigo. Tanto fubá que moeu ali (trecho incompreensível). Pra piorar veio a lama, né?

JULIANA: Agora, né?

DEJANIRA : Aham, agora pra piorar veio a lama, mas esse negócio da lama, nossa senhora, eu fico muito triste, aí acabou com nós, acabou com a nossa vida, acabou com todo ser humano, porque o pessoal que mora... É ribeirinho, ocupava a beira do rio, pescar, eles vivia de peixe, a venda. Vender os peixe pra poder botar comida na mesa. Nossa! Mas isso aí foi muito doído, viu. O peixe ele vive boiando, tudo pra... Nosso Deus! Mas foi tristeza, viu. Ah! Mas eu chorei de mais. Acabou com o nosso povo, acabou com a nossa água, acabou com os nosso peixes, acabou com os remédios na beira do rio, que a gente faz remédio pra gente beber, pra (trecho incompreensível) e com material que a gente tira na beira do rio também pra fazer artesanato, pra fazer isso aqui, oh. Acabou. Porque onde é que o rio, a água passou, ele morreu. Tá tão difícil a gente caçar material pra fazer artesanato, no rio. Aí acabou com nós, mas essa água tem preço nenhum que paga ela, dinheiro nenhum paga essa água e nem a vida dos peixes. Água pra nós é sagrada, nossa a gente considera, a água como a mãe e um pai, nossa! O tanto que me dói o meu coração, de tanto falar me dá um nervosismo. Tem hora que eu fico nervosa contanto a história, e lembrando essas águas. Como que aconteceu isso. Mas o povo quer acabar com nós mesmo. Acho que se fosse assim ia acabar com o povo do ribeirinho também, né? Que eles vive disso, né? Essa coisa da lama, foi parar até lá na beira do mar, né? Como que esse cara não foi preso, se fosse com o pobre ele ia preso, né? Mas isso aí, como eles é rico, ele é solto, porque eles não vai pagar isso nunca, essa água, porque essa água não preço para ela, eles pode lutar, botar remédio pra limpar ela, mas o sumo vai lá embaixo. Não limpa não, o sumo da água é lá embaixo, até hoje (trecho incompreensível) Oh gente, a água não tem mais vida, não tem. Ela não é como antes, a gente fazia de tudo na água, ela lava roupa, ela limpa vasilha, ela faz um batizado, ela faz tudo, ela mata sede da gente. Isso aí tudo é, é... Samarco, né? Dono da represa lá, eu acho que a Vale também tem culpa, né? Ela tem culpa, porque lá que ela lavava as pedras da Mariana, onde é que tira as pedras, pilha tudo aquelas pedras, faz aquelas... arrebenta tudo, né? E vai ser levado lá naquela represa, então os veneno das coisas, fica tudo lá, e nós não sabia dessa represa. Não, nós não sabia, não. Agora que nós descobriu, tamo sabendo, agora não vale mais nada, né? Que matou a nossa água, nós perdeu tudo.

JULIANA: Senhora Neide, a senhora tá contando para nós que esses prejuízos assim não têm reparo, né? Possível. Mas se tivesse alguma coisa que, pensando nessa história de violência contra o povo Krenak na ditadura, pudesse ser feita pelo Estado,

pra tentar diminuir um pouquinho de todos os problemas que isso trouxe para o povo Krenak, o que a senhora acha que poderia ser feito?

DEJANIRA : Eu não sei. O que nós acha disso, pra recuperar, eu acho que (trecho incompreensível) também. Lá tem água boa, água mineral, dá pra tomar banho. Num é essas água de garrafinha, que não pode nem tomar sol, né? E eu não sabia disso também.

JULIANA: Porque o plástico ainda traz mais contaminação.

DEJANIRA : O homi que veio fazer... Conversar comigo ele viu e ele faz mal ficar no sol, falei assim “Ah! eu não sabia”, mas Deus guarda a gente. Sol Tupã, Tupã que guarda a gente, porque gente não sabe. Mas água boa nós tem na nossa terra sagrada lá no (trecho incompreensível). Lá sim, água mineral, tem um lambarizinho pequeno, mas tem. Dá pra comer assado, né? Lá tem semente pra fazer colar, tem palmito, que dá pra a gente comer.

JULIANA: E lá não contaminou a água não?

DEJANIRA : Não, o rio não passa lá, não. Não, passa direto, Vitória, lá num contaminou, não. Não é possível, né? Deus me livre!

JULIANA: Tem alguma coisa que a gente não conversou que a senhora gostaria de dizer, que a senhora acha importante falar?

DEJANIRA : O que?

JULIANA: A senhora. Tem alguma coisa que a senhora queria dizer e a gente não perguntou, não conversou ou tá tudo bem?

DEJANIRA : Eu só acho importante (trecho incompreensível) fazer um projeto, um posto, fazer botar peixe pra gente criar, assim, pra a gente comer. Oh, o meu irmão morreu triste com vontade de comer um peixe. Morreu, ele tinha 107 anos, viveu muito, né? Ai deu AVC, nós levamo pro hospital, ele melhorou. Mas ele miorou, mas ele tava muito velho, ai o doutor me chamou e eu fui lá. “O que foi, doutor?” O doutor falou assim “Você tem que ser, assim, eu sei que seu irmão não vai viver mais”. “Mas por quê? Ele tá bem doente?” “Ele não tá doente, ele ta são, ele tá bonzinho, tá tudo bom, são. Porque ele tem 107 ano, ele tá com o corpo dele cansado, ele tá bem velho, ela não tem vida mais pra frente. Você pode esperar que qualquer hora ele vai se afastar. Eu tô avisando pra senhora não assustar. A gente gosta muito da senhora, a senhora é uma pessoa que a gente se entende bem, seu irmão também, mas não podemos dar vida a ele, só Deus. Quando Deus lembrar dele, ele vai”. Falei “Cê tá doente (trecho incompreensível)?”, “Não, ele não tá doente, ele tá são. Deus vai

levar ele, (trecho incompreensível)” Aí eu falei na língua (trecho incompreensível) pede a Deus. Cansada, tá velhinho mesmo, não tá, não? Andando de vagarzinho, oh! Jesus tem misericórdia. Tadinho. Essa casinha aí é dele, mando as meninas limpa, elas limpa (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR : Mas graças a Deus viveu muito, né?

DEJANIRA : Graças a Deus. Pra mim ele não é morto, ele tá vivo.

INTERLOCUTOR : Cê acha que ele virou um maré?

DEJANIRA : Não. Ele tá ali. Ele comprou um sofá, ele falou assim “Esse sofá é pra você”, falei “Não, Cride. Não quero, não”, aí ele saiu arrastando intê aí, arrastando o sofá. Falei “Não, meu irmão. Deixa lá, a sua casa não tem mais espaço, aqui não tem espaço. É pra você deitar, descansar a sua coluna (trecho incompreensível).” (Trecho incompreensível) falou que eu tenho problema de coluna, pra quando doer pra mim sentar. Ai eu falei “Não, Cride. Quando doer (trecho incompreensível) eu vou lá, deito lá (trecho incompreensível)” aí os menino ajudou ele e botou lá, ta lá guardado. Ai eu falei assim “Oh Cride, (trecho incompreensível) e ele falou “É verdade, eu vou ajudar vocês, eu vou olhar vocês, eu vou ficar olhando as terra.

JULIANA: Foi ele que falou?

DEJANIRA : É, tá bom. Mas depois de uma semana, ele morreu. Fiquei sem a bondade dele, ele sarou pra poder morrer. Não podia morrer, não, mas eu vou fazer o que. Tem que descansar. Como doeu, ele (trecho incompreensível) tadinho, chorou quando a lama chegou (trecho incompreensível) ainda saia aí nas feira, comprando os peixinho pra ele, tudo cozinhei, comprei a banana antes dele morrer, comprei banana verde, mandioca, fiz almoço e janta e no outro dia, mas ele comeu, as meninas tá tudo comendo, ai ele falou que queria (trecho incompreensível) matei galinha, cozinhei a galinha com quiabo, dei pra ele, aí ele comeu alegre, coitado. (trecho incompreensível).

INTERLOCUTORES: Tudo mundo na siesta.

DEJANIRA : Ocês que olhar artesanato agora?

JULIANA: Eu quero.

INTERLOCUTOR : Dona Deja, a senhora tá falando do rio e tal e eu vi... nas manifestações que houveram depois do desastre, depois que teve o desastre com a lama, lá da Samarco, muito... O Douglas, o Giovane, o pessoal que foi...

DEJANIRA : Ele, eu tô falando da Mariana, ele mora lá, né?

INTERLOCUTOR : É, mora lá.

DEJANIRA : Ai ai.

INTERLOCUTOR : Não, não tem problema, não! Eu não tenho apego com a minha terra, a minha terra não é sagrada igual a de vocês, não. Enfim, eu vi muito, falando que o Atu era um parente, né?

DEJANIRA : É, ué ele mãe e pai pra mim, pra todos os seres humanos, não é, não? Você vive sem água? Então, fica sem tomar banho? Não fica, né! E ocê fica sem água? Sem tomar banho, sem beber água? Então. Uai, ele é a mãe e o pai. Sem comer, sem amor, oce não fica. Não fica. Mas sem ela não. Fica nada.

JULIANA: Fica nada.

DEJANIRA : Ou eu tô errada?

JULIANA: De jeito nenhum.

INTERLOCUTOR : E os encantados, assim, o que você acha que os encantados, os seres Krenaks, sagrados Krenaks, o quê que eles acharam desse desastre?

DEJANIRA : Não (trecho incompreensível), porque não tem como ficar quieto. A gente vai mexer e (trecho incompreensível) a gente vai mexer (trecho incompreensível) sobra. Então como que o remédio vai destruir aquele veneno lá? Não tem como.

INTERLOCUTOR : Eu lembro que antes do desastre a senhora falou, tem filmagem da senhora na internet, falando que o espírito do rio veio e falou com a senhora que estava morrendo, teve isso mesmo?

DEJANIRA : A ela fala, o rio fala (trecho incompreensível) a gente, foi da lama lá (trecho incompreensível) eu vou pegar negócio para ela ver (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR : Terminou?

JULIANA: Terminou.